

*
* *
*

BASTIDE (Roger). — *Le rêve, la transe et la folie*. Paris. Flammarion. Nouvelle Bibliothèque Scientifique dirigée par Fernand Braudel. 1972. 263 pp. Preço: 35 F.

Muitas vèzes comparou-se o sonho com a loucura e o transe místico com os fenômenos da histeria.

Si as diferenças que os separam, entretanto, são mais importantes que as similitudes, não é menos certo que, nêsses três casos, penetramos num outro mundo. Durante séculos, o louco, a mulher em transe, o sonhador, foram considerados como os intermediários privilegiados entre o mundo do sobrenatural e o da natureza.

A sociedade ocidental quis romper êsses canais de comunicação. O sonho foi controlado. A Igreja desconfiou dos seus místicos. As doenças mentais sofreram um “deslocamento”: deixaram o indivíduo, vítima, para tornarem-se doenças da sociedade, agressivas e repressivas.

Apesar de tudo, ao tentar-se reduzir os três fenômenos estudados neste livro a fenômenos naturais, o sentimento de estranheza permanece. Porque?

Roger Bastide, a partir de um grupo étnico preciso (os negros do Brasil), procurou responder a êssa questão e a encontrar, no trato de um certo tipo de homem, o sentimento universal da fragilidade da razão, sempre prestes a sossobrar nos abismos noturnos.

E. S. P.

*
* *
*

VERGEZ (André) e HUISMAN (Denis). — *História dos Filósofos*. Tradução de Lélia de Almeida Gonzalez. Livraria Frcitas Bastos. Rio de Janeiro. 1970. 450 páginas.

Parece difícil, à primeira vista, fazer um julgamento objetivo sobre essa obra, já que ela se fundamenta e se alimenta da contradição. A idéia principal do livro, que o informa, é a de que “o estudo da filosofia é inseparável dos textos dos filósofos” (pág. 5, prefácio, redigido por F. Alquié). Se essa é a idéia de sustentação da obra, a ela corresponde um contrasenso fundamental: há textos em demasia. Por serem muitos, são muito curtos. Sendo curtos, não podem pretender se manter como uma espécie de guia que servisse para facilitar o acesso à filosofia. Nesse livro de textos, os textos são acidentais, meros apelos pretensamente pedagógicos, antes que pontos de partida para um sempre desejado despertar filosófico.